



# Movimentos poéticos de Joinville (SC) nas décadas de 1980 e 1990

## Poetic movements of Joinville (SC) in the decades of 1980 and 1990

## Movimientos poéticos de Joinville (SC) en las décadas de 1980 y 1990

---

Claudia Regina Pereira Belli<sup>1</sup>

---

Recebido em: 21/5/2013

Aceito para publicação em: 6/9/013

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo retratar a memória da poesia e as suas manifestações poéticas como patrimônio cultural na cidade de Joinville (SC) nas décadas de 1980 e 1990. Além disso, pretende também demarcar as identidades sociopoéticas de Alcides Buss, Caco de Oliveira, Dúnia Anjos de Freitas, Mila Ramos e Rita de Cássia Alves.

**Palavras-chave:** poesia; patrimônio; identidade.

**Abstract:** This article aims to rescue the memory of poetry and its poetic manifestations as cultural heritage in Joinville (SC) in the decades of 1980 and 1990. In addition, we intend also to demarcate the social and poetic identities of Alcides Buss, Caco de Oliveira, Dúnia Anjos de Freitas, Mila Ramos and Rita de Cássia Alves.

**Keywords:** poetry; patrimony; identity.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras, especialista em Magistério da Educação Básica com concentração em Língua Portuguesa, mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille e professora de cursos superiores da Faculdade de Tecnologia Senai Joinville (SC).

**Resumen:** Este artículo pretende retratar a la memoria de la poesía y sus manifestaciones poéticas como patrimonio cultural en Joinville (SC) en las décadas de 1980 y 1990. Además, pretendemos también delimitar las identidades sociopoéticas de Alcides Buss, Caco de Oliveira, Dúnia Anjos de Freitas, Mila Ramos y Rita de Cássia Alves.

**Palabras clave:** poesía; patrimonio; identidad.

## INTRODUÇÃO

Na década de 1980 houve um movimento de mutação na poesia brasileira, em função de novas contingências, sociais, culturais e políticas. Os recursos poéticos tradicionais aproximaram-se da comunicação visual, e a palavra passou a ser explorada em várias dimensões: verbal, vocal e visual. Aflorou, em tal década, uma nova sensibilidade, pois estava começando a abertura democrática decorrente de 20 anos de censura imposta por uma ditadura militar. Nesse sentido, escritores e poetas que principiavam sua trajetória acadêmica exercitavam uma nova forma de redigir, com liberdade, fazendo circular novos valores ideológicos e visões de mundo.

E resgatar os movimentos poéticos da cidade de Joinville com base na produção de Alcides Buss, Caco de Oliveira, Dúnia Anjos de Freitas, Mila Ramos e Rita de Cássia Alves como patrimônio cultural constitui um espaço para reflexão sobre as tendências literárias do período de 1980 a 1990, pois a ação de fazer algo utilizando a criatividade e a inovação poética de escritores pode tornar-se um discurso eloquente na representatividade da poesia local.

## MEMÓRIA POÉTICA: UM RESGATE HISTÓRICO

A poesia retrata a realidade imediata de cada indivíduo; assim, a palavra poética potencializa o mundo e pela palavra desvela realidades. Vattimo (2007, p. 59), ao refletir sobre o poético, diz: “O que chamamos de poesia são os eventos inaugurais em que se instituem os horizontes históricos destinais da experiência de cada humanidade histórica”.

O olhar poético (re)atualiza o real. Segundo Octavio Paz<sup>2</sup> (1991, p. 7), “a poesia nasce da antiga crença mágica na identidade entre a palavra e aquilo que a palavra nomeia”. Portanto, para investigar um momento poético é imprescindível situá-lo sócio-historicamente, porque demarca o tempo e os valores circulantes.

As vozes poéticas ecoam no Brasil clamando pela libertação de formatos e padrões e por novas crenças e valores. No quinhentismo, a poesia assumiu um tom religioso; no seicentismo, satírico, marcado por brasilidade no vocabulário e no tom – valores firmados por vozes que clamavam pela liberdade política da metrópole, apesar de se manter uma estética europeia, o arcadismo, projetada no século XVIII. No século XIX, o romantismo assumiu um caráter libertário, no plano político e no plano estético, que se amplificou no século seguinte, com múltiplos movimentos de libertação, desencadeados pelo modernismo nas primeiras décadas. A censura imposta pela ditadura militar brasileira até o fim da década de 1970 desencadeou movimentos poéticos de contracultura, chamados *undergrounds*, que propunham a circulação de poesia mimeografada. No ano de 1982, com as eleições para os

<sup>2</sup> Octavio Paz Lozano nasceu no México em 31 de março de 1914 e faleceu no dia 19 de abril de 1998. Foi poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano.

governos estaduais, iniciavam-se a liberdade de voto e o movimento Diretas Já<sup>3</sup>. Tratava-se de um indicador positivo de mudança, pois nesse período os jovens começaram a se interessar por tudo que pudesse ser poesia, por meio dos poemas, das músicas e da arte. Imprimiam os poemas em folhetos e distribuíam em bares, praças, teatros, escolas, libertos das regras do mercado editorial. Enfim, contestavam padrões, indo além da produção estética. A poesia passou a ser um instrumento para discutir questões políticas, morais e sociais.

Os jovens poetas na década de 1980 e 1990 estavam dispostos a se preparar intelectualmente, ler muito, experimentar as técnicas dos versos e, sobretudo, disseminá-la, levando às ruas a linguagem literária. Eram herdeiros do modernismo e também da poesia marginal dos anos 1970. Procuravam disseminar as obras em diferentes suportes, por meio de poemas curtos, chamados haicais, e da adoção de uma linguagem informal e lúdica. Isso contribuiu para despertar a subjetividade e amadurecer questões sociais sem se afastar das emoções, independentemente do momento político ou cultural da época.

A partir de então, a poesia tomou o formato sintético, no qual sonhos despertos intervieram na vida social e estabeleceram forte ligação com a oralidade dos sujeitos.

Conforme Paz (1991, p. 98),

o poeta diz o que diz o tempo, até quando o contradiz: nomeia o transcorrer, torna palavra à sucessão. A linguagem do mundo se desdobra na idéia de tempo e esta se desdobra no poema. *Poesia é tempo revelado: o tempo enigma do mundo convertido em enigmática transparência [...]*.

A linguagem poética provavelmente atingirá um público pequeno, contudo vale o esforço e a tentativa de compartilhar poemas que retratam o panorama histórico do país, do estado e/ou da cidade, ou seja, trata-se de mostrar a intensa preocupação social.

Yunes e Agostini (1998, p. 51), ao focar a poesia como arte, ressaltam a força humanizadora da palavra:

A arte, se é verdadeiramente arte [...], é sempre verdadeira [...]. Vai nos tornar mais humanos, mais capazes de entender o outro, de dialogar, de criar, de cooperar, de trabalhar em grupo, de superar o isolamento e limitação individual, desenvolver a empatia, a comunicação e a habilidade de negociação [...].

Com base no conceito supramencionado, o poético relaciona dimensões individuais ao coletivo, reunindo culturas, expressando diferentes olhares e desejos encobertos pelo real, de maneira a renovar e inovar o cotidiano de cada sujeito leitor.

Lopes (1995, p. 181) afirma:

A universalização da imagem poética ocorre através de sua transmutação pela palavra, que retira o sonho de seu individualismo e confere-lhe um estatuto universal de verdade. Mas em poesia a palavra reside na fronteira entre o dizível e o indizível, e como tal difere da palavra de significados fixos, que constitui o discurso intersubjetivo e uma prosa homogênea em seu modo de narrar.

A poética fixa valores de períodos históricos e cotidianos de épocas esquecidas, retrata o presente e registra momentos únicos de uma época, bem como revela por sua linguagem patrimônios culturais, assegurando os seus sentidos de permanência.

<sup>3</sup> Diretas Já foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, ocorrido no início dos anos 1980.

Para Bosi (2004, p. 140),

um poeta não vive em uma outra história, distante ou alheia à história da formação social em que escreve; a sua obra poderá conter (e muitas vezes contém, de fato), em equilíbrio instável, o “positivo” da ideologia corrente e o “negativo” da contra-ideologia, que acaba recuperando a relação viva com a natureza e os homens [...].

Assim, enxergar a poesia sob o aspecto de um instrumento importante acerca do modo de vida de uma época implica decodificar os significados da linguagem poética como uma linguagem que captura ideias e experiências que expressam as construções simbólicas do sujeito.

Paz (1991, p. 28) aborda a sensibilidade estética como um fenômeno cultural que se transforma historicamente: “Os exploradores ouvem a canção fascinados, os pigmeus tapam os ouvidos e fogem apavorados [...]”. Por isso, os olhares dos poetas expressam visões de mundo.

Logo, a poesia pode ajudar uma sociedade a enxergar além do seu campo de visão, ultrapassando questões culturais e sociais hegemônicas, instigando percepções e projeções de mundos possíveis.

## MARCOS DA POESIA EM JOINVILLE (SC) NO PERÍODO DE 1980 A 1990

Nos anos 1980 e 1990 a cidade de Joinville, (re)conhecida pela presença de indústrias, marcada pela cultura do trabalho, sentiu uma contínua mudança no cotidiano: agregou, por meio da expansão do comércio, maior atividade econômica, surgindo livrarias, salas de cinema, teatro ao ar livre, feiras de artesanato. Além desse crescimento econômico, paralelamente ocorria um crescimento artístico e cultural, no qual o poético poderia proporcionar inquietação, transformação e curiosidade, desmistificando o desconhecido e revelando o novo. E, como diz Paz (1982, p. 226), “sem palavra comum não há poema; sem palavra poética tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma”.

A poesia trabalha a relação espaçotemporal e situa-se, por conseguinte, sócio-historicamente. Bachelard (1993, p. 181) afirma: “Toda memória precisa ser (re)imaginada. Temos na memória microfilmes que só podem ser lidos quando recebem a luz viva da imaginação. [...] A alma sonha e pensa, e depois imagina”.

Os modos de ser e de pensar, assim como os fatos, fixam-se na memória. Dessa forma, a poesia pode ser entendida como patrimônio cultural, proposta reforçada por Hall (2005, p. 69), ao enfatizar que a cultura tem como

uma de suas características principais [...] a “compressão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. [...] O tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação.

Os movimentos poéticos de Joinville nas décadas de 1980 e 1990 – Varal Literário, Poesia Carimbada, Poesia em Trânsito e Pão com Poesia – contribuíram de maneira intrínseca com o patrimônio cultural de uma sociedade antes silenciosa à arte e à cultura, pois tais movimentos articularam o patrimônio cultural do município.

Os poetas Alcides Buss, Caco de Oliveira, Dúnia Anjos de Freitas, Mila Ramos e Rita de Cássia Alves estavam à procura de novos conceitos para a arte como movimento cultural em Joinville. Como docentes, acadêmicos e leitores, consideravam que era possível fomentar a cultura e propagar gêneros marcados pela subjetividade. Investiram na poesia, no sentido de materializar forças poéticas, com base no conceito de que sua linguagem incorpora os múltiplos fenômenos que constituem a realidade. Nesse período incentivaram e promoveram movimentos culturais significativos para a democratização da poesia na cidade, confirmando a visão de Paixão (1982, p. 31) sobre a força da poesia: “Através da poesia escutamos os dizeres ecoados de regiões profundas do ser humano, presenciamos sentimentos desconhecidos e gestos inesperados”.

Portanto, a preservação da memória, do passado, das vivências e das experiências atualiza e renova olhares no tocante à história cultural urbana. Com isso, as estruturas poéticas viabilizam ao sujeito uma determinada maneira de ler o mundo, capaz de conduzi-lo a uma reflexão a respeito da realidade, da origem das coisas e do sentido da sua existência.

## DIFERENTES OLHARES DE SEMEADURA DA POESIA

A palavra é capaz de elaborar visões de mundo, e o movimento poético, como patrimônio cultural, mostra como o homem percebe o mundo em momentos históricos diferentes.

Conforme Lyra (1979, p. 50),

nenhum bom poema deixa o leitor na mesma situação em que se encontrava antes da leitura: a modificação de seu modo de ser, se não foi intenção do poeta, é pelo menos um efeito do poema – e, deliberada ou espontânea, a persuasão se configura como uma categoria central da obra literária.

Todavia não se pode esquecer que o tempo não está totalmente constituído nem é uma relação do antes e depois. Ele se define com a interação da subjetividade e as interrupções que acontecem nos movimentos sociais.

O escritor Alcides Buss, poeta sensível à falta de circulação da arte em Joinville, procurou potencializar a divulgação da poesia em diversos espaços e projetou um movimento para levar a poesia às ruas, seguindo o movimento Catequese Poética, dos anos 1960, liderado pelo poeta Lindolf Bell<sup>4</sup>. O grupo que participava do movimento possibilitou o acesso da arte a lugares inusitados.

Tonczak (1978, p. 20) explica:

Com o movimento de *Catequese Poética*, o que ocorreu pode ser analisado como um movimento não de contestação e/ou revolta mas de *denúncia*, um movimento de conscientização da crise de comunicação produtor-receptor.

O intuito da Catequese Poética foi retomar a declamação poética em escolas, boates, igrejas, fábricas, recitais, camisetas, distribuição em panfletos, cartões, praças, denunciando questões sociopolíticas de um período em que não havia liberdade de expressão.

<sup>4</sup> Nasceu em Timbó (SC) em 2 de novembro de 1938 e faleceu no dia 10 de dezembro de 1998, na cidade de Blumenau (SC). Formado pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, foi líder do movimento Catequese Poética.

Com isso, evidenciaram-se alguns movimentos poéticos na cidade, como o Varal Literário, articulado por poetas, acadêmicos e professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville (Furj), hoje Universidade da Região de Joinville (Univille).

O Varal Literário teve a curadoria do poeta Alcides Buss e foi um dos movimentos poéticos que ganharam espaço e credibilidade na sociedade joinvilense. O varal, que valorizava o livro – produto caro e inacessível na época –, tornou-se uma alternativa marginal para a veiculação do poético e de independência a um mercado editorial.

Conforme o próprio poeta,

*O Varal Literário começou na época em que nós fazíamos em Joinville a Feira de Arte e Artesanato. A ideia da feira era realmente de levar para espaço aberto, da praça ou da rua, ter contato com o público mais amplo. É fácil, por exemplo, levar os quadros de um artista. Colocávamos em cima de um cavalete... No início os poemas eram colocados em uma cartolina em cima de um banco de uma praça, só que ficava desconfortável para ler, não funcionava tão bem... Então na praça da Biblioteca Municipal de Joinville tivemos a ideia de puxar fios de uma árvore para outra e pendurar, ao invés de colocar os trabalhos em cima do banco. Pendurávamos nos fios... Se assemelhavam aos varais domésticos, aos varais de roupa, por isso que surgiu o nome de Varal Literário. E foi assim que começou, dentro da Feira de Arte e Artesanato (BUSS, 2010).*

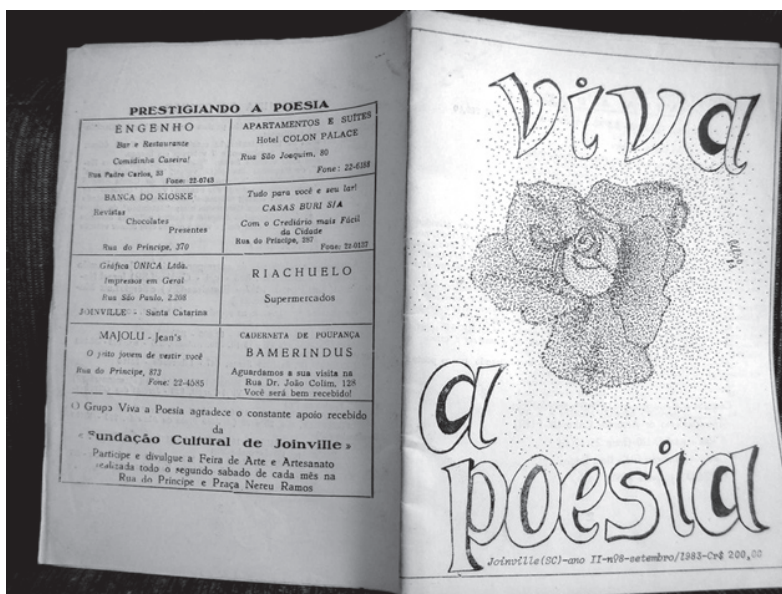
Segue um poema de Alcides Buss publicado no livro *Antologia do Varal Literário: textos escolhidos pelo público* (BUSS, 1983, p. 35):

Um dia no campo  
Hoje, no campo  
meu dia foi um dia.  
Eu fui eu.  
O corpo foi o corpo.  
A nuvem foi a nuvem.  
O vento foi o vento.  
A planta foi a planta.  
O riacho foi o riacho.  
A palavra foi palavra.  
O pássaro foi pássaro.  
Hoje  
tudo foi tudo  
e a vida viveu.

O poeta faz um exercício moderno quando demonstra que a poesia se constrói por meio de reflexões sobre a palavra: “O corpo foi o corpo. / A nuvem foi a nuvem. / O vento foi o vento. / A planta foi a planta. / O riacho foi o riacho. / A palavra foi palavra. / O pássaro foi pássaro” (BUSS, 1983). Ele (re)afirma nos versos sua visão de que pelas palavras se constroem realidades.

Esse movimento poético, desenvolvido em parceria com a Feira de Arte e Artesanato de Joinville, tornou possível a divulgação das produções na revista *Viva a Poesia*, a qual publicou novos poemas de escritores locais e regionais.



**Figura 1** – Revista *Viva a Poesia* (setembro de 1983)

Fonte: Arquivo do Proler, Joinville (2010)

O grupo Viva a Poesia, para publicar sua revista, foi apoiado pelo Departamento de Assuntos Culturais da Furj, coordenado pelo poeta Eunaldo Verdi<sup>5</sup>, e adotou um modelo editorial alternativo para a circulação da produção regional.

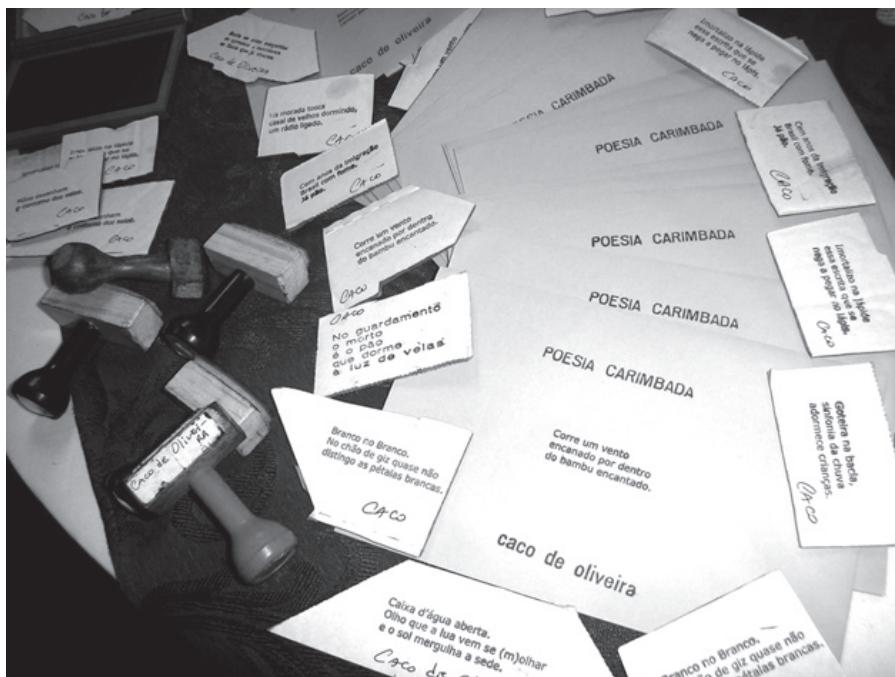
Nesse mesmo período circulou também a revista *A Ilha*, com semelhante formato, editada como suplemento literário pelo poeta e escritor Luiz Carlos Amorim<sup>6</sup>. A primeira edição de *A Ilha* ocorreu no mês de junho de 1980, na cidade de São Francisco do Sul (SC), município próximo a Joinville. Constituíam-se de produções semiartesanalas, que objetivavam em última instância divulgar escritos e escritores à margem do mercado editorial, ecoando vozes que pretendiam demarcar os espaços locais e regionais.

Outro movimento da poesia na década foi desencadeado pelo poeta Carlos Augusto Coelho de Oliveira, mais conhecido como Caco de Oliveira, enquanto participava das reuniões de poetas realizadas no Museu do Sambaqui, em Joinville, nas tardes de sábado, coordenadas por Eunaldo Verdi. Caco de Oliveira apresentou algo inovador, na forma e na distribuição: escreveu poemas pequenos e impressos em carimbos.

Na década de 1980 Caco trabalhava em um supermercado da cidade. Sua atividade era dentro do escritório; passava os dias carimbando documentos. Daí surgiu a ideia dos carimbos poemas – poemas curtos, chamados haicais, impressos em carimbos, por isso o nome Poesia Carimbada.

<sup>5</sup> Professor e jornalista (1954-1986), atuou por toda a sua vida de forma dinâmica e ativa em eventos culturais.

<sup>6</sup> Natural de Corupá (SC), nasceu em 16 de fevereiro de 1953. É formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville. Fundador e coordenador do grupo literário *A Ilha*, na cidade de São Francisco do Sul (SC).

**Figura 2** – Poesia Carimbada

Fonte: Arquivo do poeta Caco de Oliveira, Joinville (2011)

Caco ainda se mantém parceiro da Gráfica Carimbosul, e continuamente novos carimbos poemas circulam em lugares públicos do município. Conforme entrevista cedida pelo poeta, ele relata: “A divulgação foi feita por meio de uma revistinha. A Carimbosul escreveu assim: ‘Mês que vem uma novidade, Poesia Carimbada, Caco de Oliveira, aguardem’” (OLIVEIRA, 2010).

Geralmente ele utiliza papelão, caixas de pizza, cadernos, bilhetes. Trata-se de uma proposta de intervenção poética com custo mínimo, pois é uma alternativa marginal em relação ao mercado editorial.

No ano de 1985 o poeta mudou-se para Curitiba (PR), disseminando o projeto Poesia Carimbada, iniciado na cidade de Joinville (SC), e criando uma Carimboteca, lugar de produção e distribuição de poemas carimbados dos poetas locais. O projeto de Joinville foi expandido e fortalecido na capital paranaense, tornando-se gerador de uma alternativa de impressão, num novo suporte: o carimbo. Depois, retornou a Joinville e trouxe alguns carimbos.

Poesia Carimbada é uma ideia de liberdade, pois o poeta, para disseminar seus escritos, não precisa de editora, e com o custo mínimo de produção de alguns carimbos poemas, associado às *performances* e intervenções urbanas em escolas, bares ou em alguns espaços públicos da cidade, propõe uma nova dinâmica para a circulação da poesia. O poeta assume uma postura ativa, não se intimida diante do público nem cruza os braços diante dos modelos editoriais; sua preocupação é levar adiante seu trabalho, plantar a semente literária a fim de deixar brotar os sabores, cheiros e humores da literatura local.

Poesia Carimbada sintetiza o conceito proposto por Fernando Paixão em *O que é poesia?* (1982, p. 25):

A poesia se caracteriza essencialmente pelo uso criativo e inovador que se faz das palavras, expressando a subjetividade;  
Antigamente a própria linguagem como um todo apresentava um caráter poético, desfrutando coletivamente através dos rituais e cerimônias;



A transformação social e econômica, dividindo os homens em escravos e senhores, ou em classes, forçou a poesia a se restringir ao domínio do poeta;

Em consequência desses fatores, passou a predominar na sociedade a linguagem prática, enquanto o “preço” da linguagem poética foi-se desvalorizando;

O poeta, descontente com o seu tempo e sensível às condições da vida humana, continua reafirmando em suas palavras o desejo de liberdade, o desejo de homens livres socialmente.

A compreensão da arte enquanto promotora de diálogo numa sociedade resistente ao simbólico faz de Caco de Oliveira um poeta sintonizado com os problemas de seu tempo. Ele é um poeta que tematiza o cotidiano como se fosse um fotógrafo dos movimentos da vida urbana. Além de divulgar seus próprios poemas em locais públicos, participou do projeto Poesia em Trânsito (do qual se falará mais adiante).

O poema a seguir foi extraído do livro *Logo*, editado em processo artesanal, feito pelo próprio autor e publicado no ano de 1988 na Feira do Poeta, em Curitiba:

**Dia de chuva**

Num dia de chuva

o poente não espera

a brevidade do acaso (OLIVEIRA, 1988).

A sonoridade das vogais e das consoantes mescla-se poeticamente nos versos, assim como na imagem que essa poesia expressa. Para o poeta, poesia é brincar com as palavras, fazer dela reflexão, alimentar a alma, fugir às regras, como num sonho.

Na década de 1990 um grupo de poetas da Univille automeceu-se como Zaragata, palavra que propõe uma desordem poética. O grupo, inicialmente, procurou vários nomes no dicionário para se autodenominar e selecionou o vocábulo zaragata, que significa confusão, balbúrdia, euforia.

A princípio os encontros do grupo aconteciam na Univille e/ou nas casas dos poetas. Depois estes passaram a se reunir, no fim da década de 1990, no Complexo Cidadela Cultural Antártica, espaço onde funcionava a antiga fábrica de cerveja Antártica. Após a desativação desta, o local foi ocupado por artistas joinvilenses, que distribuíram os espaços para a prática de teatro, dança, artes plásticas e projeções de filme. Na gestão de Edson Busch Machado<sup>7</sup>, a Fundação Cultural de Joinville liberou para os escritores joinvilenses uma sala no galpão da Associação de Artistas Plásticos de Joinville (Aapla). O grupo Zaragata assumiu o lugar, onde foram realizadas diversas reuniões, e movido pelo sonho movimentou seus valores. Conforme Barthes (1999, p. 77),

o sonho permite, sustenta, mantém, coloca em plena luz uma extrema sutileza de sentimentos morais, por vezes mesmo metafísicos, o sentido mais sutil das relações humanas, das diferenças refinadas, um saber da mais alta civilização, em suma uma lógica consciente, articulada, com uma delicadeza inaudita, que só um trabalho de vigília intensa deveria estar capacitado a obter.

<sup>7</sup> Presidente da Fundação Cultural de Joinville (2001), além de curador de exposições e membro de júri de salões oficiais. É artista plástico e tem mais de 300 exposições no Brasil e no exterior.

O grupo Zaragata percebeu a necessidade de estabelecer parcerias para expandir suas ações efetivadas com a Furj, hoje Univille. Então firmou parceria com a Panificadora Café com Mistura para o desenvolvimento do projeto Pão com Poesia, em que poemas produzidos pelo grupo eram impressos em pacotes de pão.

**Figuras 3 e 4** – Frente e verso da embalagem de pão, do projeto Pão com Poesia



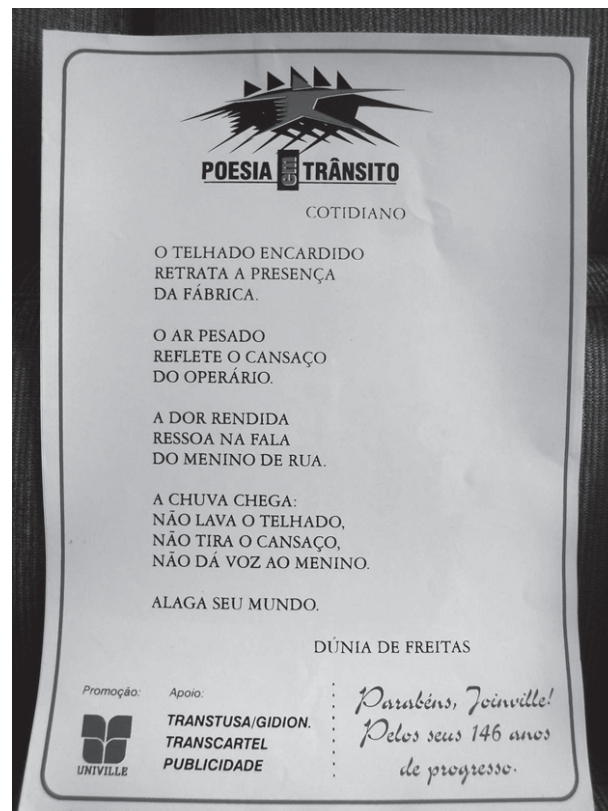
Fonte: Arquivo do Proler, Joinville (2010)

Nesse sentido, também se associou com as empresas de transporte coletivo urbano de Joinville, Gidion e Transtusa, e a empresa Transcartel Publicidade, patrocinadoras do projeto Poesia em Trânsito, o qual objetivava despertar o hábito da leitura poética, bem como incentivar a criação literária, pela veiculação de poemas em ônibus coletivos urbanos. O intuito era democratizar a linguagem, propiciar momentos de fruição aos passageiros de ônibus, além de estimular e divulgar a produção poética da cidade.

A iniciativa desse projeto aconteceu após a professora Nadja de Carvalho Lamas<sup>8</sup> circular nos ônibus de Porto Alegre (RS) e se surpreender com o projeto local Poesia no Ônibus, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Cultura. A poeta Dúnia de Freitas, inspirada nessa ideia de democratização da poesia circulante, na época mobilizou o desejo de poetas locais para que escrevessem poemas a serem submetidos ao concurso Poesia em Trânsito.

<sup>8</sup> Professora do curso superior de Artes Visuais e do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, ambos da Univille. Mestre (1996) e Doutora (2005) em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisadora na área de artes com ênfase em história, teoria e crítica da arte e atua principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea, arte/cultura e ensino da arte.

**Figura 5** – Poema de Dúnia de Freitas para o projeto Poesia em Trânsito



Fonte: Arquivo do Proler, Joinville (2010)

**Figura 6** – Fôlderes das edições de Poesia em Trânsito



Fonte: Arquivo do Proler, Joinville (2010)

A escritora Dúnia de Freitas (1983), em seu livro *Abracadabra*, escreveu o poema “Ipê” para o radialista José Eli Francisco<sup>9</sup>, que no seu programa Show das Dez, transmitido pela Rádio Cultura (1983), tinha um bloco dirigido para a divulgação da poesia joinvilense. O poema caracteriza-se por uma musicalidade passível de recitação:

### **Ipê**

Para José Eli Francisco

Tronco desnudo.  
 Galhos espreitando a imensidão  
 Como se estéreis fossem,  
 Pedindo a graça de florir.  
 O tempo tece seu desejo,  
 Prepara sua gestação.  
 E a seiva sobe ardente,  
 Mais ardente, mais, mais...  
 Como a força do profundo amor.  
 Num prenúncio de suave gozo,  
 Rasgando-lhe o corpo e buscando a luz,  
 Desabrocha em êxtase de vitória.  
 As flores cobrem sua nudez profunda,  
 Transformando-a em rainha  
 Como na noite do primeiro baile.  
 E o vento sopra, beijando-lhe docemente as faces,  
 Para, num momento de paixão ardente,  
 Desnudá-la completamente, num sentimento de posse.  
 Não se abate nem perde a majestade.  
 Continua impune.  
 Floresce mais uma vez, mais outra...  
 Nas tardes festivas de Primavera (FREITAS, 1983).

Dúnia seguiu atenta ao mercado editorial na busca de projetar sua produção individual. Paralelamente, manteve-se como articuladora cultural. Por mais que a poesia estivesse presente em Joinville (SC) por meio de concursos literários e manifestações poéticas alternativas, ela não teve alcance geral da sociedade.

Guarinello (1994, p. 189) afirma:

A memória coletiva é, deste modo, um meio fundamental da vida social, uma das dimensões da ação coletiva e um veículo de poder. Poder, por exemplo, de transmitir ou perenizar uma memória de si, ou de propor ou impor uma dada memória à coletividade; poder de criar, refazer ou destruir identidades sociais, de dar sentido, corpo e eficácia aos atos coletivos. O ato da memória é um ato de poder e o campo da memória, o espaço onde atuam seus lugares, é um campo de conflitos.

Registrar os movimentos poéticos ocorridos nas décadas de 1980 e 1990, além de rememorar uma época, propicia a circulação de uma produção textual marcada pelas representações coletivas.

Outros poetas que também constituíram a rede de arte do município, disseminando a literatura, especialmente a poesia, foram Mila Ramos e Rita de Cássia Alves.

<sup>9</sup> Radialista e presidente do Sindicato dos Radialistas Profissionais em Empresas de Radiodifusão e Televisão da Região Norte/Nordeste do Estado de Santa Catarina. Natural da localidade de Rio Pequeno, interior do município de Camboriú, nasceu em 1944.



Mila Ramos, poetisa que se identifica com a natureza, dedicou-se às palavras e à leitura das forças simbólicas da própria natureza. Nos seus poemas enfoca Joinville como uma cidade identificada pelos jardins. Nos versos do poema “A Rosa” relata a memória de um retrato joinvilense, na Cidade das Flores. A escritora mergulha na memória e nas cores da natureza e declara isso nos versos: “É a Rosa! / Quem não conhece a Rosa / na cidade das flores?” (RAMOS, 1989b). Vivenciou esse período e relembra as sensações de uma época esquecida, consagrando emoções por meio do poema. Os versos “A Rosa, / a que sorri da vida, / da vida a fazer chiste, / a Rosa triste / da cidade das flores” (RAMOS, 1989b) afirmam o real e reformulam o cotidiano, de maneira a demonstrar sensibilidade ao perceber aspectos da natureza que identificam Joinville com flores.

Rita de Cássia Alves integrou o projeto Poesia em Trânsito e também buscou outros caminhos, como a participação em concursos. No Concurso Nacional de Poesia Lindolf Bell em Timbó (SC), obteve o quinto lugar. A poetisa cria e (re)cria no seu poético metáforas que percorrem leituras construídas por ela, com o propósito de multiplicar-se em experiências.

A realidade pode ser *nada* ou *tudo*; depende de como é aos olhos de quem a vivencia, pois os poemas trazem para o seu tempo um novo estilo de denunciar algo, retratando significados, expressando movimentos e representando os *eus* de outrora.

Conforme Tavares (1996, p. 41), “todo artista, no fundo, é como o pai da tragédia grega, que dedicou as suas obras ‘ao Tempo’, ou seja, à imortalidade e à glória”. O poeta enxerga no seu entorno diversos objetos, tanto desejos inesperados como objetos do ridículo, e propicia aos leitores uma realidade construída pela palavra, ressignificando-a pelo viés do subjetivo.

A subjetividade aparece no poema “Companheiro”, de Rita de Cássia Alves. Ele transmite questões que envolvem o ser humano pela projeção de sentimentos: “Quero teus gestos loucos / (pensamentos roucos) / que habitam no que sou. / E fazer distante / a atitude errante / que te afasta de mim” (ALVES, 1984). Os versos demonstram a consciência de que ainda há espaço para amar.

O sentido da palavra, sobretudo da linguagem poética, determina-se por seu tempo e transcende possíveis reflexões mediante discursos significativos e contextos diversos de leitura, podendo revelar uma interação viva das relações sociais. Na obra *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde - 1960/1970*, de Heloisa Buarque de Hollanda (1981, p. 58), a linguagem poética é projetada pelas viagens e percepções sobre o tempo: “O tempo torna-se descontínuo, o mundo se desfaz em pedaços refletindo-se apenas como ausência ou enquanto coleção de fragmentos heterogêneos, onde o eu também se desagrega”. A produção brasileira das décadas de 1960 e 1970 é analisada pelo paradoxo de que a força política da poesia está em sua autonomia, na rejeição ao didatismo e numa resistência silenciosa ao utilitarismo e às formas de mercadorias.

É perceptível em Joinville nos anos 1980 e 1990 a ocorrência de um processo semelhante, afinal os movimentos Varal Literário, Poesia Carimbada, Pão com Poesia e Poesia em Trânsito abriram espaços culturais a fim de demarcar rupturas significantes num município conservador.

As manifestações poéticas consideradas patrimônio cultural imaterial são transmitidas à sociedade por meio da memória individual e da memória coletiva.

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, 2010).



O patrimônio imaterial não apenas simboliza, representa ou comunica, mas também constrói outros modos de percepção de mundo, incorporando a poesia como construção social, de maneira a reforçar a identidade individual e coletiva de uma sociedade. A poesia é movida pelo desejo de mostrar, de revelar o existente e a utopia concretizada em palavras, que direta ou indiretamente expõe as contradições do mundo, indiciando “possíveis” realidades.

## NOVOS OLHARES DE FRUTIFICAÇÃO DA POESIA EM JOINVILLE

O tempo revela coisas que foram semeadas por artistas e que podem frutificar para contribuir de maneira significativa com a construção cultural de uma cidade conservadora. “A história parece um cemitério em que o espaço é medido e onde a cada instante é preciso encontrar lugar para novas sepulturas” (HALBWACHS, 2006, p. 74).

Os multiplicadores da linguagem poética, ao retrabalhar temas relevantes sócio-históricos, fixam pela palavra um olhar cotidiano, retendo-o no tempo. A poesia tem necessidade de espaço para dialogar com a sociedade. “A modernidade poética ou literária seria a exploração dos poderes de uma linguagem desviada do seu uso comunicacional” (RANCIÈRE, 2005, p. 38). Assim, a poesia reflete a história e propicia a observação de outros olhares e *eus* submersos.

A produção literária processa novas significações sobre o real e projeta, literariamente, múltiplos sentidos poéticos de determinada época. Um poema só se torna visível se é lido e sentido.

Paz (1982, p. 226) afiança:

A palavra poética é história em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no sentido de constituir um produto social e no de ser uma condição prévia à existência de toda sociedade.

É nítida a apropriação e exploração das palavras de Octavio Paz; como ele mesmo cita, “a história é o lugar de encarnação da palavra poética” (PAZ, 1982, p. 227).

Os poetas costumam viver entre a biblioteca e a rua, as memórias e os fatos. A poesia é, originariamente, oral e multiplica-se no âmbito social pelas declamações, como um jogo de espelhamento do autor/leitor ou do leitor/autor. Por isso, surpreende pela delicadeza e ousadia das palavras, sendo diferente, capaz de provocar suspiros.

De acordo com Viana (1988, p. 620),

poetizar é se apropriar do universo, não *através* da linguagem, porque então a linguagem seria *meio*, mas na própria linguagem. O universo existe para o homem através dos conceitos e são estes conceitos que se trabalha na poesia.

Com base nesta e em outras citações literárias, notamos que o sujeito, ao ler um poema, se transforma; afinal a poesia consiste no trato da palavra, num desafio para a reconstrução de seu modo de olhar o mundo. Essa mudança de percepção se dá mediante rupturas e confissões, e elas são retratadas nos poemas que incorporam ideias do cotidiano a fim de falar o que não foi dito.

Paz (1982, p. 191) ainda assegura:

A poesia não é sentida: é dita. Quero dizer: não é uma experiência traduzida depois pelas palavras, mas as palavras mesmas constituem o núcleo da experiência. A experiência se dá ao se nomear aquilo que, até não ser nomeado, carece propriamente de existência.

Portanto, a subjetividade de um poema pode promover elos sociais. Atingir a sensibilidade de cada indivíduo pelo poético, transcender o mundo que o gerou e ao mesmo tempo ser testemunha do passado e do presente é uma forma de representação pela linguagem da existência e do contexto sociocultural de uma época.

## CONSIDERAÇÕES

A poesia como patrimônio cultural intangível consegue ler o cotidiano, compondo a matéria e o fazer poético por meio de escritores concernentes com a democratização da arte e das indiferenças não só sociais, mas da alma, transpondo barreiras do dia a dia. É também uma forma de representação social que pode ser retratada por diversas manifestações culturais, associadas às práticas de leitura, escrita e exposições.

Os movimentos literários das décadas de 1980 e 1990 em Joinville promoveram a circulação poética sobre a passagem de memórias individuais e coletivas de escritores, tornando a poesia um veículo provocador de mudanças sociais. Os poetas movidos pelo desejo de popularizar a arte e a cultura suscitaram novas relações culturais na cidade, pois, na ânsia de ler seus poemas, de participar dos varais literários e de interferir na literatura local, criaram espaços para que outras facetas da cidade aflorassem, libertando-a do estigma do pragmatismo de uma cidade industrial. Portanto, a linguagem poética ecoou no período como uma força mobilizadora de desejos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. de C. **Espaços do coração**. Joinville: Edição do Autor, 1984.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a arte**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BUSS, A. **Antologia do Varal Literário**: textos escolhidos pelo público. Florianópolis: Editora UFSC, 1983.

\_\_\_\_\_. **Alcides Buss**: entrevista [22 fev. 2010]. Entrevistadora: Claudia Regina Pereira Belli. Florianópolis, 2010.

FREITAS, D. de. **Abracadabra**. Joinville: Edição do Autor, 1983.

GUARINELLO, N. L. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 28, p. 181, 1994.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLLANDA, H. B. de. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde – 1960/1970. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=9F315A5740CD84FB51E75DD51431005F?id=10852&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 16 abr. 2010.

LOPES, A. J. **Estética e poesia**: imagem, metamorfose e tempo trágico. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

LYRA, P. **Literatura e ideologia**: ensaios de sociologia da arte. Petrópolis: Vozes, 1979.

OLIVEIRA, C. A. C. de. **Logo**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1988.

\_\_\_\_\_. **Caco de Oliveira**: entrevista [26 jan. 2010]. Entrevistadora: Claudia Regina Pereira Belli. Joinville, 2010.

PAIXÃO, F. **O que é poesia?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

PAZ, O. **Convergências**: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

\_\_\_\_\_. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAMOS, M. **Em surdina**. Joinville: Ipê, 1989a.

\_\_\_\_\_. **Terra nossa de cada dia**. Joinville: Ipê, 1989b.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO Experimental / 34, 2005.

TAVARES, H. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1996.

TONCZAK, M. J. **Lindolff Bell e a Catequese Poética**. Florianópolis: Ioesco, 1978.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIANA, D. M. **Crítica e poesia**: antologia de textos críticos sobre a poesia de Gilberto Mendonça Teles. Goiânia: Secretaria de Estado da Cultura, 1988.

YUNES, M. J.; AGOSTINI, J. C. **Técnica ou poética, eis a questão!** Criatividade versus racionalismo. São Paulo: Moderna, 1998.